



A LEITURA COMO PONTO DE PARTIDA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Raires Joice Silva Basílio

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, pferros@uern.com

RESUMO: Este artigo apresenta metodologias presentes nas aulas de língua portuguesa, tendo como corpus de pesquisa/análise observações de aulas no 8º e 9º ano da Escola Municipal Manoel Raimundo. O objetivo é mostrar a importância de prezar pela leitura nas aulas de português, visto que a leitura se faz presente como hábito dos alunos mediados pelo professor. Constatamos em nossa análise metodologias utilizadas pela professora regente, uma vez que percebemos que esta, em suas orientações, buscava mostrar a leitura como uma prática prazerosa e necessária, assim deixava a critério dos alunos a escolha do gênero para ler e com isso instigá-los ao gosto pela leitura, uma vez que isso é uma das formas mais eficientes para melhor encaminhamento da educação no âmbito escolar e até na vida social. Tomamos como base teórica para fundamentar nosso trabalho a autora Coracini (2005) em sua discussão sobre leitura no texto “Concepções de Leitura na (Pós-) Modernidade”, Lopes-Rossi (2002) no texto “Gêneros Discursivos no Ensino de Leitura e Produção de Textos” Geraldí (1996) em seu texto “A Leitura em Momentos de Crise Social” e ainda Zabala (1998) em um de seus livros, intitulado como “A Prática Educativa: Como Ensinar”. Nosso trabalho resulta na experiência de ver de perto como a docência é contribuinte no exercício da reflexão/interação entre orientador e docente estimulando mais o interesse ao aprendiz e a troca de conhecimentos.

Palavras-chave: Leitura, Professor/Aluno, Interação.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva trazer em pauta análises de observações de aulas em torno do funcionamento do ensino-aprendizagem, partindo da perspectiva de que o critério de maior ênfase dentro do nosso trabalho é a metodologia utilizada pela professora e de como interage com seus alunos, visto que essa metodologia implica na prática de leitura no cotidiano escolar do aluno.

Abordaremos então os métodos de ensino utilizados pela professora que refletem de certa forma, numa contribuição para o sistema educacional, já que o papel do professor é indispensável na formação docente. Para tomar conhecimento em torno de como rege tal questão, deve-se ter



consciência de que isso se torna mais propício quando nos habilitamos a ver de perto o que se passa dentro de uma sala de aula, ambiente em que se resulta o desempenho ou não do aluno. É por meio das experiências obtidas que se é possível chegar alguma conclusão para formularmos a presente análise. Tomamos como fundamentação teórica para o nosso trabalho o posicionamento de Coracini (2005) em seu texto “Concepções de Leitura na (Pós-) Modernidade”, a fala de Lopes-Rossi (2002) no texto “Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos” Geraldi (1996) em seu texto “A Leitura em Momentos de Crise Social” e ainda Zabala (1998) em um de seus livros, intitulado como “A Prática Educativa: Como Ensinar”. Esses autores reforçam significativamente o que nos propomos a apresentar.

METODOLOGIA

O presente trabalho teve como processo metodológico, primeiramente, dialogar com a professora regente da disciplina de língua portuguesa, apresentando nesse diálogo nossa colocação e qual o nosso propósito por estar conversando sobre a disponibilidade do acesso a suas aulas para podermos observar sua metodologia e em seguida analisar sua forma de procedimentos e planejamentos no decorrer das aulas.

É de fundamental importância dizer, sobretudo, que a professora em sua prática metodológica prezava por momentos de leituras livres na biblioteca o que já compreendemos de início que é um ponto bastante positivo, porque é justamente esse o foco da nossa pesquisa, observar se a leitura faz-se presente nas aulas, e não apenas como prática monótona para depois lançar atividades referentes às leituras sem nenhum propósito em especial, mas como própria atividade inicial, como exercício para a mente e como principalmente hábito que deve ser prazeroso e não obrigatório.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Situando um pouco o que pudemos observar em sala de aula, a professora de língua portuguesa vem tratar da importância da leitura, do hábito de ler e incentiva seus alunos a serem

leitores constantes. É muito vago simplesmente dizer para os alunos que leiam, para que isso realmente se proceda é necessário apresentar a leitura, mostrar o exemplo de que é um leitor constante também, o gosto pela leitura depende muito de como ela é apresentada para nós, de como ela chega até nós, sobretudo, é preciso dizer que a leitura é mais que uma prática, ela está vinculada a nossa vida, ela é mais que um exercício de decodificação, Coracini (2005) coloca que “Na prática educativa, porém, ainda vigora, com grande intensidade, a visão da leitura como decodificação [...]” isso é uma realidade ainda, no entanto, é preciso mostrar aos nossos alunos que a leitura está muito ligada ao interpretar, ao modo como vemos e sentimos as coisas.

Como estamos tratando de alunos na iminência de concluir o ensino fundamental, às vezes é preciso elencar cuidadosamente que sequências de atividades se quer passar para essas turmas já adolescentes, em alguns momentos é difícil de sequenciar só métodos eficazes na hora da prática do conteúdo. Por isso, a leitura é tão importante para começar uma temática diferente, de início alguns alunos (infelizmente) já vão apontar a leitura como algo chato e que não gostam de fazê-la em seu dia-a-dia, eis aí um ponto de partida para dar início à aula, questionar este aluno o porquê de não gostar de algo que é imprescindível em nossas vidas, qual a noção que temos aqui de leitura, mostremos então aos nossos alunos o que pode ser entendido como leitura, que isso é uma questão de perspectiva, de interpretação:

Escutar, olhar, ler, de modo singular, é (per)seguir os fios dos nossos sonhos, a trama de nossos prazeres, a elaboração de nossos pensamentos, o caminho tortuoso de nossos desejos; ler é, em primeira e última instância, interpretar. [...] Ler, compreender, interpretar ou produzir sentido é uma questão de ângulo, de percepção, ou de posição enunciativa [...]. (CORACINI, 2005, p. 25).

Como Coracini postula, ler é interpretar, essa é a base, esse é justamente o ponto de partida da leitura, essa interpretação que ela possibilita, e são essas perspectivas diferentes que vão construindo as opiniões dos sujeitos leitores, neste caso, dos alunos, quando eles perceberem que essa leitura fundamenta e que ela nada mais é que a descrição em forma de literatura de quase tudo aquilo que os cercam, eles finalmente (re) conhecerão o valor que ela possui.



Em outras instâncias de nossas observações em sala de aula, pudemos presenciar um momento em que a professora orientava seus alunos para uma atividade de leitura na biblioteca, de modo a sugerir-lhes gêneros diversos como: contos, poesias, crônicas, cordéis, romances, quadrinhos para que eles pudessem “mergulhar” no universo da leitura, e isso sem se preocupar com a atividade que viria depois. Ficou bem claro para todos que o importante naquele momento seria a leitura e a compreensão do que fora lido.

O método de deixar os alunos optarem pelo que eles realmente se identificam é essencial, deixar o aluno à vontade na escolha da leitura é muito mais propício de ele se aproximar dela, afinal, segundo Coracini (2005) “[...] ler pode ser definido pelo olhar: perspectiva de quem olha de quem lança um olhar sobre um objeto, sobre um texto, seja ele verbal ou não.” Isso é uma definição de leitura nada formalizada, no entanto, verídica. Ler é, em verdade, perspectiva de quem olha e do que se compreende, sendo consciente de que a leitura não se constitui unicamente no que está escrito, leitura é possibilidades, Geraldi (1996) completa a ideia de Coracini postulando que “Queremos o direito à literatura e sua fruição, porque a literatura tratando de um mundo que não é nos fornece categorias de compreensão do mundo que é.” É, pois, através da leitura/literatura que os nossos alunos terão a oportunidade de (re) conhecer as diferentes formas de ver o mundo a sua volta.

Constatamos também que a interação é um ponto que se faz bastante presente nas aulas de língua portuguesa por nós observadas, no sentido de que mesmo sendo boa parte dos alunos tímidos a um processo de conversação, de diálogo, percebemos uma boa relação que se instaura de forma harmônica e natural entre ambas as partes, e isso se dá devido à professora deixar bem claro desde o início de suas aulas que é através da conversa/discussão que o conteúdo fluirá, o importante mesmo é que todos participem, em todos os momentos, principalmente nos momentos de oralidade.

Um dos aspectos que mais nos prendeu a atenção é o fato de que mesmo sendo os alunos adolescentes e antenados com coisas fúteis ao momento da aula, não são dispersos do conteúdo em sala, são todos muito participativos, o que contribui bastante para desenvoltura da aula. Saber o que



cada aluno necessita e posteriormente ajudá-lo de acordo com sua necessidade é um método didático muito importante, justo o que todo professor deveria utilizar em seu trabalho, buscar no ponto da dificuldade a solução para o problema.

Ensinar não é nada fácil e ter consciência disso é fundamental, essa questão consiste na forma do planejamento e prática de cada profissional, independentemente de sua área. O professor assume o papel de educador e de algo a mais que isso, quando se preocupa com o desempenho de seu aluno, porque ele contribui também indiretamente para um profissional bem capacitado mais tarde, porque isso de certa forma reflete também em seus métodos para o aprendizado individual e coletivo, de como ministra suas aulas e como encaminha os conteúdos para os receptores dessas informações.

O professor é um profissional que é tido como referência, no sentido de que ele é um dos principais pilares que sustenta a educação, e essa tarefa exige muita responsabilidade e algo a mais que isso, um gosto especial. A atividade de levar a leitura até aos sujeitos cidadãos recai unicamente ao professor, exclusivamente ao de língua portuguesa, mesmo sendo um fardo um pouco pesado de carregar neste sentido sozinho, o professor o faz, leva a leitura como algo que se deve habituar ao cotidiano do aluno, e mesmo que não seja nada fácil formar um leitor, o professor o faz e faz porque ele próprio é exemplo disso, ou seja, ele é referência para o aluno. Geraldi (apud Freire, 1993) diz que ser professor:

É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes da desistência. É impossível ensinar sem a capacidade de forjada, inventada, bem cuidada de amar [...]. É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de acientífico, senão de anticientífico. [...] É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos [...]. (FREIRE, 1993, p. 92).

Como é possível reafirmar, a partir da compreensão de Freire no que diz respeito ao professor, acrescentamos que isso só é possível quando este profissional exerce seu trabalho por viver e gostar da prática e não puramente por obrigação. É um discurso que se repete constantemente que o professor deve ser o exemplo para os seus alunos, deve ser um professor que prega pelo



interacionismo e não pelo tradicionalismo, mas é necessário sim, que esse discurso se repita, pois só através dessa interação de que tanto falam é que é possível trazer a leitura como ponto de partida nas aulas de língua portuguesa, esse é o foco da discussão, e é preciso tocar sempre nessa tecla. Ora estamos falando de leitura, uma das atividades primordiais na história do ensino, o problema é não percebê-la como porta de entrada para mais momentos de aprendizados, é a partir dela que toda aula deveria iniciar, principalmente as de português, pode ser que para os alunos isso se torne chato, repetitivo, mas se fala em tornar-se repetitivo, porém, não monótono.

Quando o professor reconhece que seu aluno está desempenhando o papel como estudante vê também a sua capacidade de aprender e ter domínio sobre o conteúdo proposto, estabelece-se aí um elo dessa relação entre emissor e receptor, instaura-se a confiança, a credibilidade, e o acreditar que um determinado aluno pode desempenhar muito bem o seu papel é muito importante, na didática do professor, em seu modo de dirigir as aulas, os conteúdos, ele jamais deve duvidar da capacidade de seu aluno, segundo Zabala (1998) “Os professores devem acreditar sinceramente nas capacidades dos alunos, ganhando a confiança deles a partir do respeito mútuo. Tem que avaliar o aluno pelo que ele é confiando nele e dando condições para que ele aprenda a confiar em si mesmo.” isso faz parte (também) de uma didática, porque quando se acredita no potencial de um aluno, ele pode ir mais longe orientado/incentivado pelo seu professor.

A atividade com a leitura em sala de aula é necessária, e apesar de muitos dizerem que teoria e prática não se combinam, no que diz respeito a falar que é fácil formar leitores, mas não é possível isso na prática, é importante lembrar que teoria e prática não são a mesma coisa, no entanto, dissociá-las não é o melhor caminho, elas estão estritamente relacionadas, e uma precisa da outra sim, é preciso de estudos mais aprofundados para se chega à conclusão do porquê de se trabalhar a leitura como predominância nas aulas e isso se deve à teoria, ela quem pode nos fornecer isso:

A leitura, como sabemos, sempre carrega consigo uma postura teórica, ainda que não explicitada, já que partimos dos pressupostos de que teoria e prática se entrelaçam e se interpenetram – uma constitui a outra sem que se tornem um todo homogêneo – e de que é no espaço que as separa e ao mesmo tempo as une, espaço de tensão, que ocorre o processo de leitura, como ocorre, aliás, toda e qualquer atividade humana, consciente ou não.



(CORACINI, 2005, p. 15).

Um aspecto que tem fundamento na elaboração de aulas e até mesmo em sua prática docente é a metodologia utilizada pela professora, vimos também organização, a sequência didática dos conteúdos selecionados em seus planejamentos que nos foram fornecidos. É interessante ressaltar que ao mesmo tempo em que vimos de perto todo um processo docente, na prática sentimos ainda a carência na educação, no sentido, de que ainda há pais de alunos que não incentivam seus filhos aos estudos, além desse, diversos outros fatores que implicam no ensino-aprendizagem do aluno, quando a educação não vem de casa é mais difícil para o professor dar conta disso sozinho.

Nas aulas observadas, vimos a importância de se trabalhar com uma boa didática, ou seja, com textos, leituras, extraindo dessas leituras interpretações diferentes, para que os alunos tomem consciência de que um mesmo texto pode trazer inúmeras possibilidades de interpretação, conscientizando-os também de que podem ter opiniões divergentes, o importante é deixar bem claro que se a leitura dá margens para tal interpretação ela é válida, se os procedimentos metodológicos utilizados pelo professor pertencem a essa boa didática já citada, os resultados obtidos estarão na proporção das sequências mediadas pelo ministrante.

Ter a preocupação de se adequar a uma boa didática que irá contribuir no desempenho do aluno é fundamental e torna-se ainda melhor quando o agente dessa prática está disposto a cumpri-la. O professor que se adequa aos gêneros discursivos, por exemplo, e à predominância da leitura em suas aulas terá mais retorno dos alunos, no sentido de que se um conteúdo é iniciado por uma leitura, uma discussão, ele se torna mais absorvível por parte dos alunos, é preciso primeiramente fragmentar os conhecimentos prévios dos alunos acerca do que se pretende trabalhar antes de partir para atividades, afinal o interesse em questão é que os alunos realmente aprendam o conteúdo, e se isso não é possível de forma tradicionalista, o melhor a se fazer é mudar o “sistema” para o modo interacional, dando voz também aos alunos, deixando-os à vontade para falar sobre a temática em pauta, isso é imprescindível para a troca de conhecimentos.

Apesar de o papel do professor ser de relevância significativa para a educação de forma



geral, ainda há dificuldades que atropelam o ensino-aprendizagem, por exemplo, se não dispõe de um bom material de apoio, sua tarefa se torna ainda mais difícil de cumprir, e o professor acaba sendo o alvo, o profissional bastante cobrado pelo sistema de ensino:

Outro aspecto a ser considerado na dificuldade que os professores enfrentam para uma mudança de sua prática pedagógica é o modelo de produção de texto mantido pelos livros didáticos. Ainda que edições mais recentes de algumas coleções proponham-se a um trabalho com gêneros discursivos; citem, nas páginas dedicadas à orientação ao professor, os PCN e vários autores em quem se fundamenta esse documento, podemos observar que as atividades propostas não atingem a expectativa de um trabalho que realmente aborde os gêneros em toda sua dimensão. (LOPES-ROSSI, 2002, p. 81).

O livro didático é o material de maior embasamento do professor, e para facilitar a dinamicidade das aulas seria interessante que estes livros fossem mais propícios a uma boa aula, trazendo mais textos que deem possibilidades de o professor trabalhar diversos gêneros de forma mais interativa, apesar de edições mais recentes serem um pouco mais atuais, ainda deixam a desejar como reforça Lopes-Rossi. O livro é praticamente o único material de apoio destinado e disponibilizado ao professor, é no mínimo justo que este venha com abordagens mais atuais e facilitadoras para a mediação do conteúdo em sala de aula pelo professor.

CONCLUSÕES

A fim de cumprir com o que atende a proposta de trabalho tentamos mostrar de forma clara e objetiva a prática da metodologia utilizada pela referida professora, que na maioria das vezes, nas aulas observadas, trazia momentos de leituras livres para os alunos, é possível concluir que buscamos trazer pontos muito importantes na formulação de uma boa didática e conseqüentemente na contribuição do sistema educacional, falar do ensino é trazer em junção a isso o profissionalismo do professor em pauta, recorrer a recursos didáticos não adiantaria se ele não atuasse de forma precisa para com os seus alunos, se não o fizesse por vontade e com vontade.



Assumir a profissão de professor ainda é algo muito difícil e de muita responsabilidade, deve-se ser consciente dos obstáculos que irá enfrentar e saber as dificuldades de seu aprendiz e reconhecer sua capacidade, isso consiste no papel de um atuante da educação, o professor.

Essa pesquisa deve-se a observações de aulas de língua portuguesa, focando o 8º e 9º ano do ensino fundamental. Nosso trabalho resulta numa visão mais ampla em relação à importância do trabalho regido em sala de aula, da leitura que deve ser apresentada, lida, trabalhada e esmiuçada pelo professor, partindo mesmo da comunicação oral, afinal, em tempos mais antigos as histórias eram contadas dessa forma, pela tradição oral, é preciso ter uma boa didática para ter também bons resultados, a relevância de uma boa metodologia independe da área que o profissional atua, seu papel é fundamental, o companheirismo e o diálogo devem sempre se fazer presentes no âmbito escolar isso levará ao respeito e a interação que sustenta nossas relações de forma mais harmônica e agradável.

Falar em procedimentos metodológicos no ensino, na prática é falar em formação docente, e isso tudo é o que temos como recurso para “civilizar” os sujeitos, somos nós todos responsáveis pela educação do outro, a formação docente vai além dos paradigmas educacionais, ela é algo que simplesmente precisamos fazer, porque necessitamos, porque precisamos da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORACINI, M. J. R. F. *Leituras: Múltiplos Olhares*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005.

GERALDI, J. W. *Linguagem e Ensino: Exercícios de Militância e Divulgação*. Campinas, SP: Mercado de Letras Associação de Leitura do Brasil, 1996.

LOPES-ROSSI, M. A. G. *Gêneros Discursivos no Ensino de Leitura e Produção de Textos*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.



ZABALA, A. *A prática Educativa: Como Ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.